

O MIGRANTE NORDESTINO EM *GALILEIA* DE RONALDO CORREIA DE BRITO: UMA REFLEXÃO SOBRE ESTEREÓTIPOS REGIONAIS.

The Northeastern migrant in *Galileia* by Ronaldo Correia de Brito: a reflection on regional stereotypes.

Daniel Araújo Nascimento¹
Orientador Ricardo Postal²

RESUMO

O texto utiliza o romance *Galileia* (2008) como corpus de análise a fim de promover uma discussão sobre estereótipos relacionados aos nordestinos migrantes. Através da revisão de literatura, autores como Durval Muniz Albuquerque Jr. (2007; 2009; 2013) e suas contribuições regionais e históricas; Renato Ortiz (1994) com seus estudos sobre formação de identidade e Cláudia Pereira Vasconcelos (2006) com seu panorama histórico, foram selecionados para servir de base na discussão sobre estereótipos, preconceitos contra o nordeste e as relações entre essas problemáticas com questões identitárias. No âmbito da análise literária os apontamentos de Antonio Candido *et. al* (1999; 2009) são importantes para perceber como o desenvolvimento dos personagens selecionados para a análise vai de encontro ao perfil negativo geralmente relacionado aos sertanejos migrantes. A análise ressalta em suas considerações finais a importância de se ler narrativas que fujam desses mesmos discursos que perpetuam uma visão preconceituosa referente aos sertanejos migrantes e ao nordeste na literatura brasileira.

Palavras-chave: Galileia. Estereótipos. Identidade. Personagens.

ABSTRACT

The text uses the novel *Galileia* (2008) as the analysis corpus to promote a discussion about stereotypes related to Northeastern migrants. Through a literature review, authors such as Durval Muniz Albuquerque Jr. (2007; 2009; 2013) and their regional and historical contributions, Renato Ortiz (1994) with his studies on identity formation, and Cláudia Pereira Vasconcelos (2006) with her historical overview, were selected to serve as a basis for the discussion on stereotypes, prejudices against the Northeast, and the relationships between these issues and identity questions. In the context of literary analysis, the observations of Antonio Candido *et. al* (1999; 2009) are important to understand how the development of the characters selected for analysis goes against the negative profile usually associated with migrant sertanejos. The analysis emphasizes, in its final considerations, the importance of reading narratives that go beyond these same discourses that perpetuate a prejudiced view regarding migrant sertanejos and the Northeast in Brazilian literature.

Keywords: Galileia. Stereotypes. Identity. Characters.

¹ Discente do curso de Licenciatura em Letras – Português da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE).

² Prof. Dr. vinculado ao Departamento de Letras da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE).

1. INTRODUÇÃO

A migração é o processo de saída de uma ou mais pessoas de sua terra ou local de origem para outra região geográfica. Segundo o dicionário Aurélio, migrar é “mudar periodicamente ou passar de uma região para outra, de um país para outro: Muitos europeus migraram para o Brasil; Há *nordestinos* que migram de suas cidades para o sul do país, em busca de trabalho” (2010, p. 1393, grifo nosso). Essa definição nos possibilita estar mais próximos do entendimento do que é “migração”, que por muitas vezes pode soar como algo distante, ou que só ocorria em determinados períodos históricos. A compreensão desse termo nos aproxima da realidade brasileira, mais especificamente da região do Nordeste, como o verbete utiliza no exemplo.

A imagem do Nordeste por muito tempo se cristalizou no imaginário popular brasileiro a partir de determinadas narrativas construídas por meio de estereótipos, que contribuem negativamente na formação da imagem que se tem não só da região geográfica, mas dos indivíduos que ali habitam.

Segundo Albuquerque Jr. (2007, p. 11) existe algo chamado “preconceito geográfico”, que é sustentado, principalmente, por estereótipos que se perpetuam sobre uma determinada região e seus habitantes. Um certo “padrão” de como o Nordeste, e conseqüentemente os nordestinos, são descritos e imprimidos para a sociedade pode ser percebido em alguns romances da década de 1930, em que justamente a literatura regionalista estava em evidência. Obras como *O Quinze* [1930] de Rachel de Queiroz ou *Vidas Secas* [1938] de Graciliano Ramos nos apresentam muito bem como o perfil tanto geográfico quanto social da região nordestina era mostrado para a sociedade, sempre como um local de miséria, fome e tristeza, em que a saída daquele lugar é a opção mais plausível para o nordestino, que por sua vez também, por aquele viés, tal qual sua terra, é miserável, derrotado e fadado a uma jornada cheia de lamúrias em busca de uma vida melhor nesse movimento de migração, sem a possibilidade de voltar.

Entretanto, contemporaneamente não é mais possível resumir a migração nordestina unicamente a uma jornada de lamúrias e sofrimento. No romance *Galileia* [2008], Ronaldo Correia de Brito aborda o tema da migração a partir da ótica dos que saíram do nordeste profundo sem estarem atrelados a uma vida de martírio, como vemos em outras narrativas com o mesmo tema. Tendo em vista a problemática de resumir uma região e seus habitantes a estereótipos, nos perguntamos como o autor de *Galileia* constrói uma obra cuja ênfase está nas pessoas que migraram do sertão para outras localidades, no entanto sem se curvar ante os

mesmos discursos hegemônicos que permeiam essa temática. E, para além disso, como tal perspectiva contribui para novas leituras sobre o espaço e cultura nordestinas dentro da literatura brasileira?

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O presente trabalho, que toma por objeto de estudo uma obra de literatura regional, terá como embasamento teórico os estudos e conceitos de Durval Muniz Albuquerque Jr. (2007; 2009; 2013) que propõem um olhar crítico para a questão dos estereótipos e para a imagem que se tem tanto do Nordeste, quanto do nordestino, ressaltando a necessidade de se combater uma invenção de tradição que é pautada na estratégia de estereotipização, como Albuquerque Jr. descreve ser:

[...] um discurso assertivo, repetitivo, é uma fala arrogante, uma linguagem que leva à estabilidade acrítica, é fruto de uma voz segura autossuficiente que se arroga o direito de dizer o que é o outro em poucas palavras. O estereótipo nasce de uma caracterização grosseira e indiscriminada do grupo estranho, em que as multiplicidades e as diferenças individuais são apagadas, em nome de semelhanças superficiais do grupo (ALBUQUERQUE, Jr., 2009, p.30).

E de onde vem essa voz segura e autossuficiente que endossa esses tipos de concepções que Durval afirma? Para realizar esse movimento de crítica e reflexões sobre a imagem do nordeste e seus habitantes, é importante que se entenda de onde ele pode surgir. Sabe-se que os preconceitos necessitam de uma plataforma de reprodução para que tomem força e se cristalizem no imaginário social. Diante disso, Albuquerque Jr. (2009) fala um pouco sobre o papel da mídia na disseminação dessas informações negativas sobre o Nordeste na introdução do livro *A invenção do Nordeste e outras artes* [2009].

E, para falar de estereótipo, também vemos a necessidade de lançar mão da ideia de identidade, especialmente se entendermos que o surgimento desses preconceitos está intrinsecamente ligado à formação da identidade primeiramente do Brasil como nação e posteriormente do Nordeste como região. Diante disso, os estudos de Renato Ortiz (1994) são de grande valia para o arcabouço teórico desta pesquisa, uma vez que ele nos auxilia no entendimento de como as teorias Evolucionistas e Eugenistas fomentadas por grandes pensadores do século XIX como Nina Rodrigues, Euclides da Cunha e Sílvio Romero, considerados os precursores das Ciências Sociais no Brasil, corroboraram com a construção no imaginário social e popular do país naquela época, e reverberam até os dias de hoje, sobretudo em relação aos nordestinos.

Somado a isso, dialogaremos com Cláudia Pereira Vasconcelos (2006), que realiza um panorama histórico nos apresentando como a identidade do Nordeste é formada, dando um enfoque no período da década de 1920 em diante, em que a região está mais em evidência em determinadas obras literárias, com a famosa literatura regional. Ademais, ela utiliza os estudos de Albuquerque Jr. nos quais ele faz uma reflexão da construção de estereótipos, nos provocando a “fazer um deslocamento dos lugares fixos de opressor/oprimido, inventor/inventado” (VASCONCELOS, 2006, p. 6). A autora nos possibilita pensar um pouco sobre como o fenômeno desses preconceitos não se formam apenas com o olhar do outro, mas também, a partir do que o próprio sujeito diz sobre si, pois

Ao trazer à cena os próprios nordestinos como atores desta trama e não apenas como vítimas, [Albuquerque Jr.] afirma, logo de imediato, que a composição deste lugar e da representação dos seus habitantes se deu a partir de diferentes vozes, vindas de fora e de dentro da região (VASCONCELOS, 2006, p. 6).

Outrossim, o presente artigo busca, através da obra *Galiléia* [2008], perceber como o escritor desenvolve determinados personagens, que no senso comum deveriam carregar fortes traços de estereótipos do que seria o nordestino, como sendo aquele que é castigado pela vida que leva no sertão e que busca, no movimento de saída de sua terra, novas oportunidades de vida. E, para realizar essas reflexões lançaremos mão dos estudos de Antonio Candido (1999) utilizando os seus estudos sobre a literatura e seu caráter formativo, pois nos apresentam questões que nos são muito caras, auxiliando no embasamento da análise da construção dos personagens analisados. E, continuando com Candido *et al.* (2009) utilizaremos seus estudos sobre a personagem do romance, em que se analisa a relação da personagem com o autor, enredo e verossimilhança.

Sobre as concepções de personagens, Candido *et al.* (2009) recorre ao conceito do pensador Samuel Johnson, que as divide em “personagens de costume” e “personagens de natureza”, além de afirmar o seguinte: “As personagens de costumes são muito divertidas; mas podem ser mais bem compreendidas por um observador superficial do que as de natureza, nas quais é preciso ser capaz de mergulhar nos recessos do coração humano” (JOHNSON *apud* CANDIDO, 2009, p. 45).

Posteriormente essas concepções foram resgatadas por E. M. Forster em *Aspects of the Novel* [1927] de forma mais “sugestiva e mais ampla, falando pitorescamente em ‘personagens planas’ (flat characters) e ‘personagens esféricas’ (round characters)” (CANDIDO, 2009, p. 46). Essa divisão é importante para a análise literária do presente artigo

pois uma vez que uma personagem é “redonda” significa dizer que ela foge de expectativas mais comuns, que ela é mais complexa e menos previsível, indo de encontro com as personagens “planas”, que seriam rasas e apresentam exatamente aquilo que se espera delas.

3. METODOLOGIA

Para a concretização da pesquisa, foi necessário realizar uma série de leituras de textos (artigos, livros, ensaios, dissertações, etc.), previamente estabelecidas pela bibliografia definida. A leitura crítica desses materiais auxiliou na fixação dos conceitos que darão base à argumentação promovida no decorrer do artigo.

Foi necessário separar a análise de dados do artigo em duas partes, sendo a primeira com um foco no nordeste e sua identidade, entendendo os processos que possibilitaram a formação e disseminação de conceitos pejorativos referentes ao Nordeste e seus habitantes; e a segunda partindo do gancho da identidade do homem nordestino e de como as questões de estereótipos estão correlacionadas nesse assunto, iniciando com uma breve apresentação de exemplos de personagens estereotipados nas obras de *Vidas Secas* e *O Quinze*. Logo após foi feita uma análise focada em *Galileia*, tendo por base seus personagens principais.

Logo após foi feita uma análise focada em *Galileia*, tendo por base seus personagens principais, que demandou uma releitura do livro de forma crítica e minuciosa, atentando para detalhes mais específicos na construção dos mesmos. A construção de enredos e imagens que corroboram para a elaboração de argumentos sobre o diferencial do romance em relação ao senso comum do estereótipo do nordestino, e a não perpetuação de visões pejorativas do migrante no livro será o ponto principal da análise.

4. NORDESTE E SUA IDENTIDADE

Não é possível falar sobre o estereótipo do migrante nordestino sem antes realizar uma reflexão breve sobre quais questões corroboraram para que tais preconceitos e visões errôneas tomassem força e se perpetuassem até a atualidade e de forma tão enraizada.

De acordo com Renato Ortiz (1994), os principais autores das Ciências Sociais no Brasil no final do século XIX eram Nina Rodrigues, Sílvio Romero e Euclides da Cunha, que se dedicaram a estudar os motivos que levavam o Brasil a ser tão diferente de países da Europa e como as teorias evolucionistas poderiam ajudar nesse entendimento. Apesar dos conteúdos racistas e pseudocientíficos presentes nos estudos desses autores, Ortiz nos apresenta que “para além desta constatação, há um elemento que me parece significativo e

constante na história da cultura brasileira: a problemática da identidade nacional” (ORTIZ, 1994, p. 3).

E, tendo a necessidade de entender e definir uma identidade nacional, foi-se tentando aplicar essas diferenciações a partir das regiões, clima, aparência, etc. as quais foram ganhando força e dando forma aos tipos e estereótipos do povo brasileiro. Um exemplo muito forte desse caráter identitário é *Os Sertões* [1902] de Euclides da Cunha, que dedica os dois primeiros capítulos do livro somente para descrever primeiro a região do sertão e depois o homem do sertão, numa tentativa de mostrar como esses dois aspectos estão intrinsecamente relacionados entre si. Segundo Claudia Pereira

A partir do paradigma naturalista, a importância do meio combinado às características da raça justificava, categoricamente, os porquês do comportamento do brasileiro. A exemplo disso via-se o negro do litoral sendo mais malevolente, o homem do sertão mais sisudo e ríspido, a mulata sensual... E, assim foi-se criando um Brasil de tipos (degenerados) e construindo no discurso sobre a identidade nacional o contorno de alguns *estereótipos* (2006, p. 2, grifo nosso).

Logo, essas divisões são responsáveis por dar vazão a esse paradigma pessimista, pois quanto mais as características regionais e climáticas se afastassem do europeu, mais difícil de se desenvolver no Brasil um caráter de progresso e desenvolvimento.

Diante disso, foi tornando-se mais forte no imaginário social a noção de que o Sul seria detentor da parte boa do Brasil, enquanto o Norte³ representava a parte ruim e atrasada do país, por justamente não apresentarem as condições necessárias (regionais, climáticas e raciais) para superar essa realidade. Ademais, por causa dessas ideias evolucionistas e eugenistas ainda participarem no imaginário popular, Albuquerque Jr. nos mostra que esse pensamento era fomentado, inclusive, por intelectuais como Oliveira Vianna e Dionísio Cerqueira, que

[...] Comparando a situação econômica de São Paulo com a dos Estados do Norte do país, eles atribuem ao maior eugenismo da raça “paulista”, à sua superioridade como meio e como povo, a ascendência econômica e política no seio da nação. A superioridade de São Paulo era natural, e não historicamente construída (2009, p. 56).

Ou seja, com o declínio da economia açucareira, as regiões do Norte começaram a ficar cada vez mais subordinadas ao Sul, em especial a São Paulo, onde a economia estava

³ É importante destacar que o entendimento da ideia do Nordeste como uma região só será entendida na década de 20 e 30, mesmo que a aparição do termo “nordestino” já marcasse presença no Diário de Pernambuco em 1919, segundo Albuquerque Jr. (2013, p. 137).

crescendo de forma rápida e constante. Logo, essas regiões sulistas ficaram numa posição confortável para diminuir e menosprezar tudo que estivesse acima da Bahia.

Todos esses fatores contribuíram para uma inquietação das elites da região de Pernambuco, que viram uma urgência de formar um caráter identitário e regional para o Nordeste, que começou lentamente na década de 1910 e tomou proporções mais sólidas nas décadas de 1920 e 1930. E essa consciência foi possibilitada por movimentos regionais como os de Gilberto Freyre, que foram de grande valia para a valorização do Nordeste como região.

E, junto a essa busca por identidade, as elites de Pernambuco tomaram como solução evocar a imagem do homem dessa região, que, uma vez que estava inserido no espaço nocivo e desafiador, deveria se adaptar, tornar-se forte, para agir frente aos desafios do dia a dia que seu ambiente lhe proporcionava. Com isso, vemos que para além do teor identitário, a imagem desse sertanejo faz parte de um discurso político e social promovido pelo advento da seca no nordeste.

Porém, é importante aplicar um recorte social e econômico sobre essa questão, uma vez que ao utilizar essa imagem estigmatizada do nordestino em nada afetava as elites que atuavam na política, pelo contrário, pois eles se beneficiaram dos incentivos fiscais vindos para o Nordeste. Já o lado negativo dessa ação dos políticos recaiu diretamente sobre o nordestino comum, aquele que em nada obtinha dessas atitudes das elites letradas e arcava com o peso de ser definido a partir desse discurso preconceituoso. Ademais, essa definição estereotipada, serviu de apoio e munição para um discurso ainda mais problemático vindo do Sul em relação aos nordestinos, como nos alerta Vasconcelos: “[Ecoa], portanto, no discurso ambivalente das elites rejeitadas do nordeste que, ao mesmo tempo, em que se exaltam, se deixam apresentar como pedintes, excluídos, marginais e miseráveis, vítimas da seca e da hostilidade da natureza” (VASCONCELOS, 2006, p. 8).

Adiante nas décadas de 1920 à 1930, com todo esse fomento regional e identitário, também pudemos presenciar um aumento da produção do que chamamos de literatura regional, que toma o Nordeste como um dos principais temas nas narrativas produzidas. Porém, é necessário destacar que para além da importância desse fomento de produção regional, percebe-se um certo padrão característico de uma personagem: o migrante. Se tomarmos como exemplo obras do nosso cânone literário como *O Quinze* [1930] de Rachel de Queiroz ou *Vidas Secas* [1938] de Graciliano Ramos, percebemos como esses autores nos apresentam muito bem o modo pelo qual o perfil, tanto geográfico quanto social, da região nordestina era mostrado para a sociedade, sempre como um local de miséria, fome e tristeza, em que a saída daquele lugar é a opção mais plausível para o nordestino.

Diante disso, como, em uma obra que discute a região do Nordeste e o sertanejo como temática, consegue-se marcar um diferencial ao mesmo tempo em que não se perpetuem estereótipos? Através de quais construções imagéticas e narrativas *Galileia* foge do senso comum ao colocar personagens que não performam características que perpetuam discursos pré concebidos e pejorativos? É a partir dessas indagações que a análise se desenvolverá a seguir.

5. ANÁLISE LITERÁRIA

5.1 Exemplos de estereótipos no cânone

Antes de iniciarmos a análise de *Galileia*, se faz necessário apresentar exemplos de como o nordestino migrante é estigmatizado em alguns romances, sobretudo os que foram citados anteriormente, a fim de traçar um paralelo comparativo de como esse processo de representação acontece.

Primeiramente temos *Vidas Secas*, escrito por Graciliano Ramos, em que o autor narra a vida de uma família de retirantes composta por Fabiano, Sinhá Vitória, os dois filhos e a cachorra Baleia, que atravessam o sertão nordestino em busca de uma vida melhor em detrimento da seca. Logo de início temos o seguinte trecho:

Na planície avermelhada os juazeiros alargavam duas manchas verdes. Os infelizes tinham caminhado o dia inteiro, estavam cansados e famintos. Ordinariamente andavam pouco, mas como haviam repousado bastante na areia do rio seco, a viagem progredira bem três léguas. Fazia horas que procuravam uma sombra. [...] Os juazeiros aproximaram-se, recuaram, sumiram-se. O menino mais velho pôs-se a chorar, sentou-se no chão. – Anda, condenado do diabo, gritou-lhe o pai (RAMOS, 2017, p. 9).

Aqui, de forma resumida, podemos perceber que a premissa da obra é retratar a vida desses indivíduos a partir desse lugar de migração, dessa jornada árdua e sofrida que marca substancialmente as suas vidas e assim vai forjando a identidade desses personagens.

O pai, Fabiano, destacamos aqui por apresentar o clássico nordestino que estamos acostumados a ver: um homem pobre, criado no sertão, que representa o chefe da família e possui uma personalidade ríspida e grosseira, consequências de uma vida dura. Esse nordestino que “é definido como um macho capaz de resgatar aquele patriarcalismo em crise, um ser viril capaz de retirar a sua região da situação de passividade e subserviência em que se encontrava” (ALBUQUERQUE Jr. 2013, p. 150) em relação ao Sul.

E, num movimento bastante similar temos *O Quinze*, que também traz consigo a narrativa de uma família que sai de sua terra em busca de melhores condições de vida. Tal

qual Graciliano, Raquel de Queiroz lança mão desses personagens típicos da literatura regionalista.

A trama tem a grande seca de 1915 como tema central e dentre outros enredos, apresenta ao leitor o Chico Bento e sua família no processo de saída da fazenda que moravam em direção à capital do Ceará, Fortaleza. Ao longo do romance nos são expostos diversos momentos de sofrimento que marcam de forma intrínseca a vida desses indivíduos migrantes. Num desses momentos, temos Chico Bento e sua família encontrando outros retirantes no meio da estrada comendo a carcaça de um animal em estado de decomposição por conta da fome: “– De que morreu essa novilha, se não é da minha conta? [...] – De mal dos chifres. Nós já achamos ela doente. E vamos aproveitar, mode não dar para os urubus. [...] – Faz dois dias que a gente não bota um de-comer de panela na boca” (QUEIROZ, 2020, p. 49).

Também é possível observar a morte de um dos filhos de Chico Bento por envenenamento ao comer uma raiz venenosa por que estava com fome: “– Chico! Chico! Valha-me Nossa Senhora! O Josias se envenenou! [...] E a criança, com o cirro mais forte e mais rouco, ia-se acabando devagar” (QUEIROZ, 2020, p. 63 – 64). Ou seja, é muito sintomático como a vida desses personagens – que refletem diretamente pessoas reais – está sempre envolta de sofrimento e miséria, sobretudo nesse processo de saída do sertão em direção à outras regiões.

Outrossim, apesar desses dois romances apresentarem narrativas que retratam uma realidade social do período em que foram produzidos, revelando até mesmo um caráter de denúncia na época, é importante que existam outras representações do que é o nordestino, a fim de realizar uma quebra com a imagem amalgamada de identidade, pois como Candido (1999, p. 84), de forma assertiva, afirma, a literatura pode “atuar de modo subconsciente e consciente operando uma espécie de inculcamento que não percebemos”, atuando diretamente na forma como concebemos nossas perspectivas de mundo e sociedade.

5.2 Galileia e seu diferencial

Se nos romances citados anteriormente percebemos uma constante com narrativas carregadas de estereótipos, em *Galileia* vamos observar um movimento contrário a essa tendência.

O livro se inicia com o encontro dos três personagens principais da trama: Adonias, Ismael e Davi, que vão até Galileia – local em que nasceram e que também dá nome ao livro – a fim de visitar o avô que está muito doente e nos momentos finais de sua vida. Os três, apesar de muito distintos, têm uma característica em comum: saíram de sua terra a fim de viver em

outros locais, outras regiões, sendo, portanto, migrantes. E é a partir dessa característica em comum que podemos nos debruçar analiticamente sobre as características e construções que nos levam a afirmar que eles quebram com o padrão estereotipado do nordestino que migra.

Apesar de termos três personagens principais, o que mais se destaca na obra é Adonias, pois é a partir de sua visão que o autor nos guia através da obra, sendo ele o narrador da história contada em *Galileia*. Uma personagem que logo de início não se parece nem um pouco com o que se acredita ser um homem do sertão, e que ainda jovem se mudou do sertão com a família para morar na capital de Pernambuco, Recife. Se formou em medicina, é bem letrado, estudou na Europa e apresenta mostras de superioridade em alguns momentos da história.

E, mesmo não vivendo mais em Galileia, ele ainda era levado pelos pais para visitar a fazenda, e em um desses retornos podemos perceber que Adonias se distanciava bastante da imagem caricata do nordestino, um homem pouco instruído, pobre e ríspido, um “cabra” macho que trabalha com a terra e animais. Mas, ao contrário de alguns de seus primos, vemos um homem que desde jovem não dava sinais de que herdara esses trejeitos. “Eu morria de inveja de você e Esaú. Não montava cavalos e nunca me confiaram a guarda dos rebanhos. Me chamavam de mofino, o mesmo nome que davam aos borregos doentes, rejeitados pela mãe” (BRITO, 2008, p. 45). No trecho em que Adonias conversa com Ismael, percebemos que ele possuía o desejo de ser igual a seus primos, de ter as características necessárias para realizar as atividades designadas aos homens jovens da família, porém ele não as possuía, e ainda era lido como “mofino”. Portanto, seguiu sua vida na capital, na qual cresceu e foi formando – ou pelo menos tentando formar – sua identidade.

Porém, agora que Adonias já é adulto, o autor deixa explícito como a personagem tem aversão ao Sertão e a tudo relacionado a ele. Já não é mais aquela criança que vislumbrava possuir os costumes e arquétipos nordestinos, entendeu que era “mofino” e não servia para seguir aquele padrão. Logo, estendendo esse movimento de distanciamento que a migração promove, ele também se distanciou de tudo que Galileia representava. “Sinto fascínio e repulsa por esse mundo sertanejo” (BRITO, 2008, p. 16) fascínio por um dia já ter vivido lá, e desejado ser como os que lá ficaram; repulsa por não se encaixar propriamente ao escopo de homem sertanejo.

Entretanto, da metade para o fim da narrativa Adonias nos revela que também não se sente muito confortável na cidade: “Possuo referências do sertão, mas não sobreviveria muito tempo por aqui. Criei-me na cidade, mas também não aprendi a ginga nem o sotaque urbanos. Aqui ou lá me sinto estrangeiro” (BRITO, 2008, p. 160). Nesse trecho a personagem revela

uma crise identitária, provavelmente por ter saído muito jovem de onde nasceu e viveu por um tempo, e tendo que se acostumar em um novo lugar totalmente diferente. E, por não se sentir pertencente nem aqui nem lá, ele nos revela se encontrar nesse meio termo, nesse ponto intermediário entre o sertão e o ambiente urbano.

Com Adonias nós nos deparamos com uma personagem migrante e nordestina que não se limita à imagem pré-concebida de alguém miserável em busca de asilo em algum outro lugar, pois o autor adiciona complexidade psicológica a ele, o que leva o leitor a se interessar por sua construção narrativa pouco previsível.

Adiante, uma personagem que no decorrer da história se faz muito presente é Ismael. Se levarmos em consideração que o estereótipo funciona a partir de um conceito de verdade sobre o outro (BHABHA, 1998), um leitor com um olhar desatento facilmente o identificaria como, e afirmaria que Ismael remonta a uma personagem estereotipada, por suas características mais superficiais, como sua aparência, que remete ao sertanejo afetado pelo clima da região, e pelas suas características fenotípicas indígenas, por exemplo. “[...] Olho seu rosto moreno, cheio de marcas, e reconheço a genética dos Inhamuns” (BRITO, 2008, p. 16).

Porém, retomando a ideia de personagens redondas (CANDIDO, 2009), dos três primos, Ismael é o que mais pode se encaixar nessa definição, pois ele é uma personagem que é mais profunda em sua narrativa. A começar pela sua questão identitária, já que ele foi rejeitado por seu pai, Natan, desde sempre, por ser fruto de uma aventura amorosa que este teve com uma índia da tribo Kanela. E, após seu avô Raimundo Caetano o adotar como filho, Natan passou a não somente rejeitar Ismael, mas também a odiá-lo por isso. Essa rejeição se estendeu para toda família, tios, primos e irmãos que não o reconheciam como parte da família, e mesmo após anos essas atitudes negativas ainda apareciam em forma de comentários preconceituosos, como o de Davi:

[...] – Seu gosto musical piorou bastante, meu irmão. Prefiro você com um maracá, fazendo pajelança. Ismael fica calado. As referências a sua origem o irritam, embora seja impossível escondê-la. Não se envergonha do povo de Barra do Corda, por mais degradado que esteja, porém não suporta o desprezo da família cearense (BRITO, 2008, p. 9).

Todas essas experiências desagradáveis colaboram para um sentimento de não pertencimento e uma provável vontade de sair daquele lugar, porém o que faz Ismael sair de Galileia vai além dessas atitudes hostis que ele sofria, tendo sido o motivo da partida o derradeiro incidente com Davi, seu irmão por parte de pai, que aparece desde o início do livro e nos acompanha durante toda a história: “[...] Observo as carnaúbas, esguias como o corpo

do primo Davi, e revejo a tarde dolorosa, ele fugindo nu, coberto apenas por uma camisa branca, o sexo à mostra, o sangue esorrando entre as pernas” (BRITO, 2008, p. 7 – 8).

Adonias nos apresenta uma cena de violência que Davi sofreu, sendo que por Ismael estar no mesmo local, foi acusado como responsável pelo ato, acarretando na sua expulsão de Galileia, voltando para a aldeia dos índios Kanela. Aqui, nós podemos perceber a primeira saída (forçada), de sua terra, porém mais adiante na história, quando um casal de catequistas o levou para morar com eles na Noruega, Ismael realmente muda os rumos de sua vida, vivendo como imigrante em um país totalmente diferente do seu, com uma cultura diferente da sua e o clima praticamente inverso ao que conhecia no sertão do Brasil. “Demorei a me acostumar naquele mundo diferente do nosso. Em certas épocas do ano, o sol aparece às dez horas e às quatro da tarde já está novamente escuro” (BRITO, 2008, p. 132).

E apesar de ter vivido por um tempo considerável na Noruega, sentia saudade de sua terra, e ainda tinha lembranças de Galileia como vemos no seguinte trecho: “[...] Eu não me acostumei, aguentei na marra só porque não me queriam aqui. Ainda não me querem. [...] – Eu gosto mesmo é daqui. Se fosse possível ficar, eu ficava.” (BRITO, 2008, p. 132). Diferentemente de Adonias, percebemos um desejo genuíno em Ismael de voltar para o sertão, de retornar para sua Galileia, mesmo que não fosse bem-vindo lá.

Ademais, outro ponto para afirmar que Ismael é um personagem mais redondo, ele se configura como um alguém que não se deixa decifrar por completo, sendo que até mesmo o narrador não consegue entendê-lo bem. Ao longo do romance, Ismael é uma constante incógnita para Adonias, se ele é de fato alguém de mau caráter e agressivo como sempre o alertaram na família (o que se confirma por algumas vezes na história), ou se ele pode considerar Ismael alguém mais confiável por ser mais próximo dele e presenciar momentos de vulnerabilidade e acolhimento durante alguns trechos da trama.

Por fim, chegamos em Davi, personagem que compete com Ismael no quesito da construção, pois quanto mais avançamos na leitura do romance mais camadas do personagem vão aparecendo e desenrolando toda a história dele.

A princípio algo que chama bastante atenção é sua caracterização, que faz bastante contraste com a de seu irmão Ismael: “Como se não bastasse a natureza quieta, os cachos louros e olhos vivos num corpo magro, a aura de pianista virtuoso enchia a família de orgulho” (BRITO, 2008, p. 15). Mas o narrador não aponta apenas as suas características físicas, destaca também seu talento como pianista e como todas essas qualidades somadas faziam com que ele fosse bem querido pela família, afinal “Não era sem motivo que todos o preferiam a Ismael” (BRITO, 2008, p. 15).

Com toda essa imagem angelical seria natural que a família caísse de amores por Davi e o colocasse num pedestal. E isso era refletido também na sua criação, pois dentre os primos ele é o único que conta com o incentivo da família (mais especificamente a mãe) para realizar viagens para fora do país a fim de estudar. E, talvez por conta desse intercâmbio e contato com uma cultura diferente, precocemente isso fez com que Davi se tornasse uma pessoa indiferente para com o seu local de origem.

Desde o início da trama, diferentemente de Ismael (que vê como positivo esse retorno para Galileia) e Adonias (que tinha uma crise de nervos só de lembrar que estava a caminho de volta para o sertão) é possível observar que durante todo o percurso Davi fica deslocado da dinâmica da conversa dentro da caminhonete que o leva para casa do avô, sempre com seu jogo eletrônico, como uma atitude rude, bem diferente do Davi que o resto da família está acostumada a ver.

Outro ponto que diferencia Davi de seus dois companheiros de viagem é quando Adonias relembra os ensinamentos de seu pai sobre as árvores do sertão:

– Vocês lembram os nomes das árvores do Sertão? – Eu, nenhum, – responde Davi. [...]– Vocês falam sobre o que? – Sobre árvores.
– Sou analfabeto no assunto, já disse. – Então fale de animais.
– Falem vocês. Vou ouvir os prelúdios. A alma de Rachmaninoff era como esta noite, nela nunca penetrou um raio de sol. Mesmo assim eu gosto” (BRITO, 2008, p. 12 – 13)

Davi não somente demonstra que não tem interesse nas tradições e conhecimentos referentes ao sertão e à tradição da família, como ele faz questão de mostrar que possui gostos e conhecimentos diferentes, que provavelmente cultivou nas suas viagens ao exterior. Entretanto, Adonias percebe essa atitude e faz pouco caso do desdém do primo: “O tom solene destoa da figura franzina, da gíria que o primo costuma falar. Dá para perceber que ele recita um texto decorado da escola.” (BRITO, 2008, p. 13).

Davi também protagoniza a cena de violência que Adonias relata em alguns momentos da história e que é responsável pela expulsão de Ismael de Galileia. Durante todo o romance, quando essa história é lembrada, todos têm plena certeza que o culpado da situação é Ismael. Entretanto, como já foi citado anteriormente, algumas atitudes positivas de Ismael, tanto com Adonias, quanto com o próprio avô, levam o leitor a se questionar sobre a veracidade do incidente ou se ele ocorreu realmente da maneira como foi contado.

Alguns trechos da história direcionam o leitor a começar a duvidar ainda mais da índole de Davi, como quando, por exemplo, no caminho para Galileia os três param em um bar e Davi vai brincar com o filho do dono e subitamente some com ele: “Davi e o menino

não estão mais jogando, nem sentados no terraço. Para onde foram? [...] Davi! – grito. A angústia retorna com furor, um touro arrombando a porteira. Davi e o menino de onze anos. Vou gritar!” (BRITO, 2008, p. 35). O autor deixa subentendido que pode ter ocorrido uma situação de pedofilia, e isso é reforçado mais adiante quando Davi revela ter conhecimento sobre crianças e adolescentes que se prostituem por bares e postos de gasolina em troca de dinheiro e bens:

– Ah, você [Ismael] não sabe dessas coisas, vive fora há tempos. Nessa rota transitam caminhões e motoristas solitários, carentes de sexo. Eles passam semanas sem encontrar as esposas. Os meninos e meninas se oferecem nos postos de gasolina. (BRITO, 2008, p. 81).

Porém, apenas nos últimos capítulos o leitor pode confirmar que Davi realmente não é quem aparenta ser. Ele escreve alguns textos para Adonias nos quais revela detalhes de sua vida, as experiências que viveu enquanto morava no exterior e como mentia para a família. Nessas cartas, Davi apresenta a Adonias seu cotidiano de boemia e prostituição: “Posso lhe falar muitas coisas, a minha agenda sexual é interessante, [...], destoando do personagem Davi que todos se habituaram a imaginar” (BRITO, 200, p. 185).

Ou seja, ao sair de sua terra e viajar para o exterior desde cedo, Davi vivenciou diversos tipos de situações e entrou em contato com aspectos do mundo que o sertanejo típico nem imaginaria que seria capaz.

E é por meio dessas confissões, na construção da personalidade de Davi através de suas ações e experiências que o autor realiza uma quebra com duas visões estereotipadas. Primeiramente, Davi, assim como Adonias e Ismael, não apresenta características que o liguem à imagem de um retirante sofrido que vai para outro lugar em busca de uma sobrevivência, mesmo que sua viagem para Europa não tenha ocorrido com a finalidade de estudar música. Em segundo, Davi também quebra a expectativa de nordestino “cabra macho”, nos textos escritos a Adonias, revelando a seu primo sua homossexualidade e a sua vivência plena da sexualidade com seu amante europeu: “A mentira que inventei sobre o pub foi uma metáfora para descrever os dias que passei ao lado de Jean-Luc, meu amante francês de cinquenta e sete anos, um otorrinolaringologista, [...]” (BRITO, 2008, p. 186).

Por fim, com Davi o autor nos entrega mais uma personagem que não flerta com a obviedade de um sertanejo estereotipado, presente em diversos romances de temática regionalista. Em *Galileia* Brito muda a maneira de se desenvolver uma personagem nordestina, colocando-a além do migrante sofrido, maltrapilho numa grande jornada de lamúrias e dificuldades.

Os três personagens principais, Adonias, Ismael e Davi, mesmo sendo parentes e oriundos da mesma região mostram diversas diferenças que os tornam únicos, não caíndo o autor na armadilha de tratá-los como “homens anônimos, sem rosto, nômades desterritorializados” (ALBUQUERQUE Jr., 2013, p. 205). Cada um dos três foi desenvolvido de forma que nos mostra a variedade dos nordestinos migrantes e dá a possibilidade de analisá-los individualmente e perceber que existem outras maneiras de se escrever uma personagem para além de ideias pré estabelecidas por visões preconceituosas que se perpetuam através da história.

6. CONCLUSÃO

Dado o exposto, o presente artigo utiliza o romance *Galileia* como corpus de análise, pontuando a problemática dos estereótipos direcionados a indivíduos sertanejos, mais especificamente o sertanejo migrante, tanto por parte das regiões do Sul do país quanto pelos próprios indivíduos nordestinos, como as famílias da elite pernambucana. Foi necessário apontar também como as questões identitárias do Brasil como nação e do Nordeste como região, estão muito ligadas ao surgimento dessas visões preconceituosas.

Ronaldo Correia de Brito utiliza três personagens centrais na trama, sendo eles Adonias, Ismael e Davi, e foi a partir da análise deles três que traçamos suas individualidades e percebemos como o autor foi capaz de construir suas narrativas sem perpetuar um discurso hegemônico preconceituoso.

Ademais, é perceptível a importância de se ler a literatura contemporânea, pois ao utilizar uma obra recente como *Galileia* é notória a diferença com que o tema “sertão do nordeste” e seus personagens são tratados. Se por um lado temos o cânone (*O Quinze, Vidas Secas, Os Sertões*), geralmente prestigiado e que apresenta imagens estereotipadas tanto do sertão quanto do sertanejo migrante, por outro temos Ronaldo Correia de Brito com seu romance desenvolvendo uma narrativa diferente e até mesmo inovadora, que apresenta ao leitor personagens que saem do interior do Ceará sem qualquer sinal de miséria ou sofrimento. Claro que as histórias contadas pelos romances citados do cânone são importantes, e não é à toa que se tornaram clássicos da literatura, porém perpetuar esse discurso, sobretudo na literatura, é amalgamar uma infinidade de individualidades em uma única definição (ALBUQUERQUE Jr., 2013, p. 205).

É necessário que exista uma desmistificação dessa visão única e preconceituosa do sertanejo migrante, e *Galileia* nos dá a oportunidade de não somente ler um romance

cativante, mas também de perceber novas visões sobre esses indivíduos e sobre como são retratados.

7. REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE Jr., Durval Muniz. **Preconceito contra a origem geográfica e de lugar**: as fronteiras da discórdia. 3. ed. São Paulo: Editora Cortez, 2007.

_____. **A Invenção do Nordeste e outras artes**. 4. ed. São Paulo: Editora Cortez, 2009.

_____. **Nordestino - uma invenção do falo**: uma história do gênero masculino (1920/1940). Maceió: Editora Catavento, 2013.

BHABHA, Homi Kharshedji. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

BRITO, Ronaldo Correia. **Galileia**. Rio de Janeiro: Editora Alfaguara, 2008.

CÂNDIDO, Antônio. **A literatura e a formação do homem**. Remate de Males: Revista do Departamento de Teoria Literária, n. esp., p. 81-89, 1999.

CANDIDO, Antonio; ROSENFELD, Anatol; PRADO, Decio de Almeida; GOMES, Paulo Emilio Sales. **A personagem de ficção**. 11. ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 2009.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário da língua portuguesa**. 5. ed. Curitiba: Editora Positivo, 2010.

RAMOS, Graciliano. **Vidas secas**. Rio de Janeiro: Editora Record, 2017.

MELO, Mônica dos Santos. **A resignificação do Sertão em Galileia, de Ronaldo Correia de Brito**: problematização da dimensão regional do romance no contexto da contemporaneidade. 2014. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal de Pernambuco, Pernambuco, 2014.

ORTIZ, Renato. **Cultura Brasileira e Identidade Nacional**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

QUEIROZ, Rachel de. **O Quinze**. Editora José Olympio, 2010.

VASCONCELOS, Cláudia Pereira. A construção da imagem do nordestino/sertanejo na constituição da identidade nacional. **Anais do 2º Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura**, 2006.

VASCONCELOS, Carlos Roberto Nogueira de. **Sertão de Pedra e Argila**: Tradição, Ruptura e Modernidade no Romance Galileia, de Ronaldo Correia de Brito. 2013. Dissertação (Mestrado em Letras) - Faculdade Federal do Ceará, Fortaleza, 2013.